

A FORMA SEGUE A MEDIAÇÃO: BASEMÓVEL E ATIVIDADES PÚBLICAS DO PROJETO CONTRACONDUTAS EM GUARULHOS

Vinicius Spricigo



A ideia de BaseMóvel, concebida por Vitor Cesar, surgiu da Base – local de trabalho compartilhado por artistas em Fortaleza, seguindo com a proposta de local para encontros e diálogos para diferentes



espaços institucionais, como o Centro Cultural São Paulo e o Instituto Tomie Ohtake, entre outros. Em cada um desses lugares, a BaseMóvel adquiriu diferentes configurações formais, como a forma de uma “namoradeira”, por exemplo, realizada em colaboração com a artista Graziela Kunsch para o Centro Cultural Maria Antônia, e de uma “mesa levável”, com Enrico Rocha para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A primeira abrigava uma biblioteca, enquanto a segunda, as ações do Núcleo Experimental de Educação do MAM. Seu *contexto específico* abarca, portanto, um espaço físico, mas, sobretudo, o campo discursivo envolvido nas relações sociais de conformação e usos desse lugar. A contradição, inerente à ideia do projeto, indica a situação paradoxal de uma estrutura ou suporte fundamental para a ação artística ou educativa em constante mobilidade e maleabilidade, ou seja, uma base que se move e que

se molda. Em decorrência disso, ela pode ser entendida não somente como uma estrutura arquitetônica basilar, mas principalmente como a constituição, sempre em colaboração entre os agentes envolvidos, de espaços de encontro temporários e provisórios.

Nesses termos, pode ser introduzida aqui a proposição, no âmbito do Projeto Contracondutas, de uma BaseMóvel no/do Campus Guarulhos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Neste caso, o *contexto específico* seriam as recém-inauguradas instalações da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na região dos Pimentas, e uma colaboração estabelecida entre Escola da Cidade Arquitetura e Urbanismo e o Curso de História da Arte da UNIFESP. O contexto abarca, nesse sentido, um intercâmbio entre a curadoria do Projeto Contracondutas da Escola da Cidade (coordenado pelas professoras Carol Tonetti e Ligia Nobre), o próprio Vitor Cesar e o laboratório de Pesquisa e Práticas em História da Arte III da UNIFESP (sob responsabilidade dos professores Vinicius Spricigo e Pedro Arantes, iniciado em junho de 2016, poucos meses após o retorno da EFLCH aos Pimentas, depois de três anos funcionando em uma unidade provisória no centro de Guarulhos). A disciplina, oferecida no segundo semestre de 2016, estabeleceu um diálogo entre o exercício crítico das práticas curatoriais e as atividades realizadas pelo Projeto Contracondutas. O laboratório acompanhou e estabeleceu reflexões críticas, individuais e coletivas, com os proponentes das seis Intervenções Públicas do Projeto Contracondutas, além de participar e propor exercícios de mediação abertas, incluindo conversas, debates, processo que culminou no seminário Contra-Intervenções, o qual uniu os artistas e coletivos participantes para discutir as propostas de intervenção, com mediação do Lab III.

No primeiro semestre de 2017, esse diálogo foi direcionado à proposição de um dispositivo de exposição móvel, que levasse, de alguma forma, os resultados das Intervenções Públicas e as atividades didático-pedagógicas e de pesquisa realizadas no laboratório à comunidade de Guarulhos – em especial aos moradores e trabalhadores impactados pelas obras de expansão do Aeroporto. Um dos objetivos do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), que, por decisão do Ministério Público, destinou verbas à Associação Escola da Cidade e originou o Projeto Contracondutas, é ampliar o debate público sobre o trabalho análogo a escravo na contemporaneidade, atuando, dessa forma, na sua erradicação e no reconhecimento de direitos trabalhistas. Partindo desse princípio, foram identificadas algumas questões-chave levantadas pelos alunos e professores participantes, a saber: o papel do dispositivo como alternativa ao aparato institucional voltado à arte contemporânea, precário ou quase inexistente na cidade de Guarulhos; a articulação do dispositivo com as intervenções dos coletivos e artistas participantes do Projeto Contracondutas; a capacidade do artefato de amplificar, para o público garulhense e por meio de sua mobilidade, os discursos gerados até então pelos agentes envolvidos diretamente no projeto, convocando-o a refletir criticamente sobre as questões tratadas pelas intervenções artísticas por meio da sua participação em atividades de públicas.

A forma segue a mediação: BaseMóvel e atividades públicas do Projeto Contracondutas em Guarulhos

BaseMóvel, Oficina de Xilogravura, Projeto Labor - Vitor Cesar e Coletivo 308. Foto: Renata Ursoia

O dispositivo parainstitucional a ser criado, segundo o diagnóstico do laboratório de curadoria da UNIFESP, deveria responder às necessidades dos coletivos e artistas locais, por intermédio de um local de alojamento e exibição de suas atividades. Nesse sentido, funcionando como uma galeria móvel, ele exibiria ao público inicialmente as Intervenções do Contracondutas, servindo posteriormente ao propósito da apresentação pública da produção artística de Guarulhos. Essa conformação de museu portátil, ou “cubo branco com rodinhas”, nos dizeres de um dos alunos do laboratório, foi prontamente dispensada. Afinal, uma exposição seria organizada na Escola da Cidade e poderia vir para Guarulhos e outras localidades, independentemente das atividades realizadas na cidade. Caberia ao dispositivo, portanto, menos a função de exposição de objetos de arte – aliás, de difícil desempenho, considerando a diversidade das intervenções, que vão do vídeo de Raquel Garbelotti e do livro de Vânia Medeiros, às ações táticas do Coletivo 308, passando pela pesquisa “cartográfica” do grupo Núcleo de Espacialidade Contemporânea (NEC) e as intervenções no Aeroporto de Guarulhos dos coletivos Metade e Em Paralelo – e mais uma função formativa e educativa, articulando-se enquanto espaço relacional.

Nesse sentido, a concepção de uma BaseMóvel voltada exclusivamente às atividades públicas do Projeto Contracondutas em Guarulhos aproxima-se de um conceito de exposição muito caro ao filósofo Vilém Flusser. Identificada pelo pensador com um “meio”, a exposição informaria o público sobre um determinado tema, configurando-se como uma estrutura relacional. Dessa forma, não interessaria



tanto aos observadores o resultado da produção artística, o objeto artístico, e sua exibição, mas a construção de significados que podem acontecer em um contexto dialógico. A exposição como meio, antes de tudo, é um local de encontro entre o público e as proposições artísticas, convertendo-se, por conseguinte, em um dispositivo de mediação (FLUSSER, 1986). A noção de dispositivo aqui empregada corresponde ao sentido foucaultiano do termo esclarecido por Giorgio Agamben no texto “O que é um dispositivo?": um conjunto de práticas, saberes, discursos e instituições com uma função específica de governar, ou seja, inscrito em relações de poder. O dispositivo é o lugar de uma prática governada por discursos e mecanismos, uma rede que se estabelece nessa práxis e na qual atua o sujeito, ou seja, é o local de processos de subjetivação. No entanto, como nos alerta o filósofo italiano, para além desse poder de sujeição dos dispositivos modernos, os dispositivos contemporâneos como o aparelho de televisão e o telefone celular operam pela dessubjetivação do sujeito. Segundo o autor, isso torna muito mais difícil a criação de contradispositivos, que libertem de alguma forma o corpo e os gestos do sujeito que foram capturados pelos dispositivos (AGAMBEN, 2009, p. 25-51).

As próprias instituições de ensino podem ser compreendidas enquanto dispositivos, no sentido foucaultiano amplo, que abarca as suas edificações e espaços físicos, mas igualmente os conjuntos de proposições, normas e operações que acabam por definir um determinado resultado previsto em suas estratégias de formação. A formação educativa estaria, assim, prevista na forma e na configuração do dispositivo criado para este fim. A sala de aula com carteiras, onde o aluno permanece sentado ouvindo o professor, é um dos exemplos da criação de corpos “dóceis” de que fala Foucault. A liberdade do aluno, e também dos professores, nesse ambiente se restringe a circular e participar das aulas, portando-se, ambos, da maneira prevista pela configuração espacial do edifício e também pelas normas e regulamentos que regem a vida acadêmica. Ademais, no processo de ensino, há interpretações consideradas corretas de acordo com o conhecimento já constituído, e o aluno é interpelado pelo educador no sentido de reafirmar tais discursos, muitas vezes em detrimento de suas próprias indagações e interpretações sobre o tema abordado, ou seja, desconsiderando um motivador para a construção do conhecimento em vez de sua reprodução.¹ Por outro lado, educadores têm sido cada vez mais substituídos por programas televisivos e atendimento on-line, não faltam instituições privadas oferecendo ensino à distância, e alunos que passam os períodos de aula capturados por seus *smartphones*.

1 Um paralelo pode ser feito entre o ambiente acadêmico e o espaço expositivo. Neste, o público deveria permanecer prostrado diante das obras e ser capaz de compreender, com o auxílio muitas vezes da mediação e da ação educativa, o discurso do artista, do crítico de arte e do curador.

Vale lembrar que, ainda em 2016, um grupo de alunos e ativistas da região dos Pimentas ocupou a EFLCH, reivindicando tanto a democratização do ensino superior e o acesso dos moradores da região ao Campus, quanto formas democráticas, libertárias e participativas de educação. Eles levaram carteiras ao piso térreo, organizaram aulas abertas e assembleias, estabeleceram uma nova rotina para o funcionamento do Campus, realizaram atividades físicas e recreativas, como aulas de capoeira, e eventos musicais e culturais. Desejavam uma nova forma mais participativa de vivenciar a universidade e organizar a vida acadêmica, e criaram para isso um contradispositivo – a ocupação. Certamente, o atendimento dessas demandas necessitaria de uma reconstrução total da escola, seja do ponto de vista de suas estruturas físicas ou de toda a legislação que hoje governa o ensino público no Brasil. Se tais mudanças requerem longos debates com ampla participação da sociedade, algo que não acontece da noite para o dia, como, aliás, deve ocorrer em uma democracia, algumas mudanças nesse sentido já estão em curso. Desde 2005, o curso de História da Arte está discutindo a curricularização de 10% de atividades de extensão e os Laboratórios, sobretudo o Lab III, voltado à curadoria e à mediação em arte, constituem os eixos a partir dos quais o curso estabelecerá seus projetos e eventos de extensão universitária para a comunidade local. Dessa forma, a parceria entre UNIFESP e Escola da Cidade, e a criação de um dispositivo móvel no Campus Guarulhos vai ao encontro da construção de um diálogo maior entre academia e comunidade, e de formas experimentais e participativas de construção de conhecimento.

A questão principal seria a capacidade da BaseMóvel no/do Campus Guarulhos de atuar como uma alternativa ao espaço educativo convencional, criando condições de possibilidades para novas práticas didático-pedagógicas relacionadas ao tema do trabalho análogo a escravo na contemporaneidade. Quais as maneiras de transmitir a experiência cotidiana ligada ao trabalho ou ao viver e deslocar-se pela cidade? Como intervir nessa experiência, ao mesmo tempo individual e coletiva, com o objetivo de produzir consciência crítica sobre as condições de trabalho, moradia e mobilidade? Como criar formas de comunicação para difundir e ampliar as reflexões geradas por essas intervenções em contexto relacional? Afinal, de forma concreta, como criar um contradispositivo?

Uma estrutura metálica no formato de um paralelepípedo, seccionado em partes fechadas por tábuas de compensado foi a forma inicial escolhida por Vitor Cesar em conjunto com outros artistas e arquitetos participantes do Projeto Contracondutas, os professores e alguns alunos do Lab III. A estrutura, a ser desmontada e remontada em diferentes configurações, permite ao público o uso de mesas e bancos para oficinas, tablados e palcos para apresentações, encenações e performances, mirante para a observação à distância, encosto para o descanso, e assim por diante. Ela possibilita, assim, analogamente à formação de um canteiro de obras, a criação de locais de trabalho, sobretudo oficinas e debates, formato escolhido para algumas

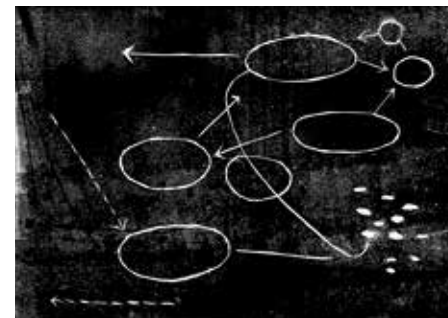
das primeiras atividades públicas do projeto a serem realizadas em Guarulhos. Diferentemente do posto de trabalho tradicional, local sob administração de empresas privadas ou do Estado, o espaço ali é criado coletivamente: artistas, coletivos, educadores e público podem compartilhar saberes, práticas, métodos de trabalho e experiências, reunidos ao redor de atividades como o desenho, a gravura (sobre as próprias tábuas de compensado), a produção textual ou audiovisual, entre outras. A estrutura do contradispositivo abarca ainda uma tenda, banquetas e conexões para aparelhos eletrônicos de vídeo e áudio. Apropriam-se de dispositivos modernos (a estação de trabalho) e pós-modernos (os meios digitais de reprodução de imagem e som), convocando o público à intervenção no espaço urbano. A sua mobilidade, permite a instalação em praças, escolas, coletivos artísticos, espaços expositivos e outros âmbitos públicos, gerando um local de abrigo para a formulação de múltiplas proposições, nas quais os participantes elaboram suas próprias estratégias, propostas, mecanismos e regras. Nesse contradispositivo, os corpos e gestos, em vez de ser capturados, são libertados pelas práticas desgovernadas da ação coletiva na esfera pública.

Ao contrário das noções usuais de projeto, a ideia de BaseMóvel, segundo Vitor Cesar, não é compreendida como a solução de um problema dado; em outras palavras, a forma do dispositivo não corresponde a uma finalidade específica: sua concepção subverte o conhecido *motto* associado à arquitetura e ao design moderno. A forma do dispositivo, no caso de Guarulhos, não segue mais a sua função expositiva, mas se volta à mediação com o público. Antes de se conformar com uma galeria, *display*, gabinete ou mostruário itinerante, a BaseMóvel no/do Campus Guarulhos fornece estrutura ou suporte ao convívio coletivo, ao diálogo e ao fazer conjunto. A própria configuração do espaço depende do trabalho de montagem e remontagem da peça, de acordo tanto com as condições físicas disponíveis quanto com as demandas das atividades que nele serão realizadas. A realização desse projeto dá seguimento não somente à série iniciada por Vitor Cesar, mas também a uma infinidade de outras iniciativas, idealizadas como instrumentos institucionais alternativos, sejam eles situados já na história das novas vanguardas artísticas dos anos 1960 e 1970, ou ligados ao fenômeno contemporâneo de artefatos expositivos móveis (PERAN, 2015, p. 22-25). Caberá, agora, ao público a ativação desse contradispositivo.

FORM FOLLOWS MEDIATION: THE BASEMÓVEL AND PUBLIC ACTIVITIES OF THE COUNTER-CONDUCTS PROJECT IN GUARULHOS

Vinicius Spricigo

The idea of a BaseMóvel (MobileBase), conceived by Vitor Cesar, came from the Base—a workplace shared by artists in Fortaleza—, following up with the proposal of a place for meetings and dialogues at different institutional spaces, such as Centro Cultural São Paulo and the Tomie Ohtake Institute, among others. In each of these plac-



es, the MobileBase took on different formal configurations, such as a “loveseat” form, for example, created in collaboration with the artist Graziela Kunsch for the Centro Cultural Maria Antonia, and the “portable table” with Enrico Rocha for the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro. The former contained a library, while the latter housed the MAM Experimental Education Center. Its *specific context* therefore encompasses a physical space, but most importantly, the discursive field involved in

the social relations of conformity and uses of the place. The inherent contradiction in the project’s idea indicates the paradoxical situation of a structure or fundamental support for artistic or educational action in constant mobility and malleability, that is, a base that moves and shapes itself. As a result, it can be understood not only as a basic architectural structure, but chiefly as the constitution—always in



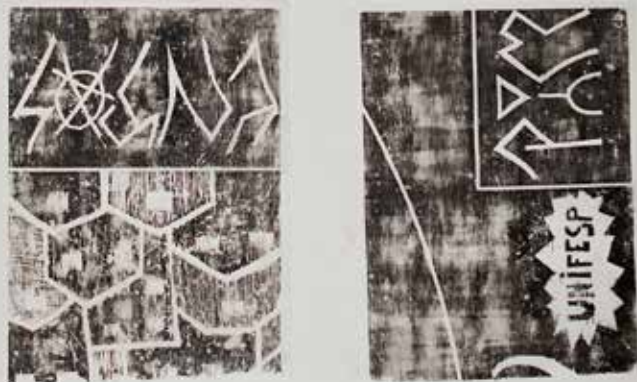
201

Form Follows
Mediation:
The BaseMóvel
and Public
Activities of
the Counter-
Conducts
Project in
Guarulhos

collaboration with the agents involved—of temporary and provisional meeting spaces.

In these terms, let us now consider the proposal for the BaseMóvel on/of the Guarulhos Campus of the Federal University of São Paulo (UNIFESP) within the scope of the Counter-Conducts Project. In this case, the *specific context* is that of the newly inaugurated facilities of the School of Philosophy, Language and Literature, and Human Sciences (EFLCH) in the Pimentas region, and a collaboration established between the Escola da Cidade—College of Architecture and Urban Planning and UNIFESP’s Art History course. The context involves, in this sense, an interchange between the curatorship of the Escola da Cidade’s Counter-Conducts Project (coordinated by professors Carol Tonetti and Ligia Nobre), Vitor Cesar and the UNIFESP Laboratory of Research and Practices in History of Art III (under the direction of professors Vinicius Spricigo and Pedro Arantes, initiated in June 2016, a few months after EFLCH returned to Pimentas, after three years of functioning out of a temporary unit in the center of Guarulhos). Offered in the second half of 2016, the course established a dialogue between the critical exercise of curatorial practices and the activities carried out by the Counter-Conducts Project. The laboratory accompanied and established critical reflections, both individual and collective, with the proponents of the Counter-Conducts Project’s six Public Interventions, in addition to participating in and proposing open mediation exercises, including conversations and debates—a process that culminated in the Counter-Interventions Seminar, which brought together participating artists and collectives to discuss the intervention proposals, mediated by Lab III.

In the first half of 2017, this dialogue led to the proposal of a mobile exhibition apparatus, which would in some way convey the results of the Public Interventions and didactic-pedagogical and research activities carried out under the auspices of the laboratory to the community of Guarulhos—especially the residents and workers impacted by the construction of the airport expansion. One of the objectives of the Term of Adjustment of Conduct (TAC), which, by decision of the Public Prosecutor’s Office, allocated funds to the Escola da Cidade Association and originated the Counter-Conducts Project, is to expand the public debate on slave labor conditions in the contemporary world, therefore taking action toward its eradication and the recognition of workers’ rights. With this principle as the starting point, it was possible to identify several key issues raised by participating students and teachers, namely: the role of the device as an alternative to the institutional apparatus focused on contemporary art, which was precarious, bordering on non-existent in the city of Guarulhos; the device’s involvement with the interventions created by the collectives and artists participating in the Counter-Conducts Project; the device’s capacity to amplify, for the public in Guarulhos, by way of its mobility, the discourses generated up to that point by the agents directly involved in the project, calling on the public to reflect critically on the issues addressed by the artistic interventions through their participation in public activities.



Mobile Base,
Wood engraving
Workshop,
Labor
Project—Vitor
Cesar and
Coletivo 308.
Photo: Renata
Ursaia

The para-institutional apparatus or *dispositif* to be created, according to the UNIFESP curatorial laboratory's diagnosis, had to respond to the needs of local artists and collectives, by means of a locale to accommodate and exhibit their activities. In this sense, functioning as a mobile gallery, it would initially display the Counter-Conducts Interventions, later serving to present the artistic production of Guarulhos to the public. This configuration as a portable museum, or "white cube on wheels," in the words of one of the students in the laboratory, was promptly dismissed. After all, an exhibition to be organized at Escola da Cidade could then be brought to Guarulhos and other locations, regardless of the activities carried out in the city. The apparatus would therefore serve less the function of exhibiting art objects—difficult to accomplish, considering the diversity of the interventions, ranging from Raquel Garbelotti's video and Vânia Medeiros' book to the tactical actions of Coletivo 308, not to mention the "cartographic" survey by the group known as Núcleo de Espacialidade Contemporânea (NEC) and the interventions at Guarulhos Airport by the collectives Metade and Em Paralelo—and more in an instructional, educational function, articulating itself as a relational space.

In this sense, the conception of a BaseMóvel focused exclusively on the Counter-Conducts Project's public activities in Guarulhos comes close to a concept of exhibition very dear to the philosopher Vilém Flusser. Identified by the thinker as a "means," an exhibition informs the public of a certain theme, configuring itself as a relational structure. In this way, observers would not be as interested in the result of artistic production, the artistic object and its exhibition, as they would be in the construction of meanings that can take place in a dialogical context. The exhibition as *means* is, above all, a place where public and artistic propositions meet up, and as such it becomes an instrument of mediation (FLUSSER, 1986). The notion of apparatus employed here corresponds to the Foucauldian sense of the term clarified by Giorgio Agamben in the text "What is an apparatus (*dispositif*)?": a set of practices, knowledge, discourses and institutions with the specific function of governing, that is, inscribed in the relations of power. The apparatus is the locus of a practice governed by discourses and mechanisms, a network that establishes itself in this praxis and in which the subject acts, that is, it is the locus of processes of subjectivation. However, as the Italian philosopher warns, beyond the power of subjugation of modern apparatus, contemporary apparatus such as the television set and the cell phone operate by the de-subjectivation of the subject. According to the author, this makes it much more difficult to create counter-apparatuses, which to a certain extent might free the subject's body and gestures captured by the apparatus (AGAMBEN, 2009, pp. 25-51).

Educational institutions can themselves be understood as apparatuses, in the broad Foucauldian sense, which encompasses their buildings and physical spaces, but also their set of propositions, norms and operations that ultimately define a determined outcome for their educational strategies. Instructional education should thus be foreseen in the form and configuration of the apparatus created for this objective.

The classroom furnished with desks, where the students remain seated while listening to the teacher, is one of the examples of the creation of "docile" bodies of which Foucault speaks. In this environment, the freedom of students, and teachers as well, is restricted to circulating and participating in classes, everyone conducting himself in the manner foreseen by the spatial configuration of the building and also by the rules and regulations governing academic life. Moreover, in the teaching process, there are interpretations considered correct according to previously constituted knowledge, and students are questioned by the educator to reaffirm said discourses, often to the detriment of their own questions and interpretations regarding the subject addressed, that is, disregarding the impulse to construct knowledge rather than reproduce it.¹ On the other hand, educators have been increasingly substituted by television programs and online assistance; there is no lack of private institutions offering distance education, as well as students who spend classroom time absorbed up in their smartphones.

It is worth remembering that in 2016 a group of students and activists from the Pimentas region occupied the EFLCH, calling for the democratization of higher education and access to the Campus for residents of the region, as well as democratic, libertarian and participative forms of education. They took classroom desks to the ground floor, organized open classes and assemblies, established a new routine for the operation of the Campus, carried out physical and recreational activities, such as capoeira classes, and musical and cultural events. They yearned for a new, more participative way of experiencing the university and organizing academic life, and to this end they created a counter-apparatus—the occupation. Certainly, meeting these demands would require a total reconstruction of the school, both from the viewpoint of its physical structures and that of all the legislation which currently governs public education in Brazil. While such changes require lengthy debates with broad-based participation from society—not something that happens overnight—, something which incidentally should occur in a democracy, some changes in this direction are already under way. Since 2005, the History of Art course has been discussing curricularizing 10% of extension activities, and the Laboratories, especially Lab III, focused on curatorship and mediation in art, are the axes around which the course will establish its projects and university extension events for the local community. Thus, the partnership between UNIFESP and Escola da Cidade, and the creation of a mobile apparatus on the Guarulhos Campus, are in line with the construction of a greater dialogue between academia and the community, and with experimental and participative forms of constructing knowledge.

1 A parallel can be drawn between the academic environment and exhibition spaces. In the latter, the public should remain prostrate before the works and be able to understand, often with the aid of mediation and educational action, the discourse of the artist, the art critic and the curator.

The main issue is the ability of the BaseMóvel on/of Guarulhos Campus to act as an alternative to conventional educational spaces, making it possible to create new didactic-pedagogical practices related to the subject of slave labor conditions in the contemporaneity. What are some possible ways to convey the everyday experience related to working and living and moving around in the city? How is it possible to intervene in this experience, at the same time individual and collective, with the objective of producing critical awareness regarding working conditions, housing and mobility? How can forms of communication be created to disseminate and expand the reflections generated by these interventions in a relational context? Ultimately, concretely, how to create a counter-apparatus?

A metallic structure in the shape of a parallelepiped, sectioned in parts enclosed by plywood boards, was the initial form chosen by Vitor Cesar in conjunction with other artists and architects participating in the Counter-Conducts Project, along with professors and some of the Lab III students. The structure, to be dismantled and reassembled in different configurations, allows the public to use tables and benches for workshops; platforms and stages for presentations, plays and performances; a "lookout" for observing from a distance; a backrest for more comfort, and so on. In this way, much like the configuration of a construction site, it makes it possible to create workspaces, especially for workshops and debates, the format chosen for some of the project's first public activities in Guarulhos. Unlike the traditional workplace under the administration of a private company or the state, this space is created collectively: artists, collectives, educators and the public can share knowledge, practices, work methods and experiences, coming together around activities such as drawing, engraving (on the plywood boards themselves), textual or audiovisual production and others. The structure of the counter-apparatus also includes a tent, stools and connections for electronic video and audio devices. It adopts modern apparatuses (the workstation) and postmodern ones (the digital methods of image and sound reproduction) inviting the public to intervene in the urban space. Its mobility permits installation in plazas, schools, art collectives, exhibition spaces and other public settings, generating a locale for the formulation of multiple propositions where participants can develop their own strategies, proposals, mechanisms and rules. In this counter-apparatus, bodies and gestures, instead of being captured, are liberated by the ungoverned practices of collective action in the public sphere.

Contrary to conventional notions of design, the idea of the BaseMóvel, according to Vitor Cesar, should not be understood as the solution to a given problem; in other words, the format of the apparatus does not correspond to a specific objective: its conception subverts the well-known motto associated with architecture and modern design. The form of the apparatus, in the case of Guarulhos, no longer follows its exhibitory function, but turns its attention to mediation with the public. Rather than conforming to the format of a gallery, display, cabinet or itinerant showcase, the BaseMóvel on/of Guarulhos Campus

Form Follows
Mediation:
The BaseMóvel
and Public
Activities of
the Counter-
Conducts
Project in
Guarulhos

provides a structure or support for collective interaction, dialogue and creation. The actual configuration of the space depends on the work of assembling and reassembling the parts, according to the physical conditions available as well as the requirements of the activities to be performed. The implementation of this project not only continues the series initiated by Vitor Cesar but also countless other initiatives, idealized as alternative institutional instruments, whether previously situated in the history of the new artistic avant-garde of the 1960s and '70s or linked to the contemporary phenomenon of mobile displays (PERAN, 2015, pp. 22-25). It is now up to the public to activate this counter-apparatus.